O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o avulso entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$350	$120
Possessões ultramarinas, (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca)	15$000	7$500	-$-	-$-

4.° ANNO — VOLUME IV — N.° 106

1 DE DEZEMBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.° 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — A Liga Agraria, PINHEIRO CHAGAS — As nossas gravuras — Exposição nacional de Milão, R. — Tenda-barraca annexa ao Hospital Estephania, XAVIER DA CUNHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começo a escrever esta chronica sob a impressão dolorosa d'um crime gravissimo.

No quartel d'infanteria 2, a S. Francisco de Paula foi assassinado cobardemente pelas costas o capitão Martins.

O assassino foi o tenente Freitas, do mesmo regimento, filho de um commerciante de Coimbra, já fallecido, e que ha pouco tempo viera do Porto.

O caso deu-se ao anoitecer do dia 26 ás 7 horas e meia, causou funda sensação em Lisboa, onde a noticia se espalhou rapidamente aggravada com o boato, falso, de se ter revolucionado o regimento.

A policia, e o commandante das guardas, correram logo ao quartel d'infanteria 2, o povo agglomerou-se rapidamente em frente da porta, ninguem sabia ainda ao certo o que tinha sido: as cornetas tinham tocado á formatura, e o commandante do regimento, o sr. coronel Barbosa, chamado á pressa, entrava attonito no seu quartel e achava-se defronte d'um crime praticado nas circumstancias mais odiosas, e diante do cadaver d'um dos seus officiaes mais estimados.

Nos theatros que estavam todos cheios a noticia estourava como uma bomba de dynamite, e foi o assumpto de todas as conversações nos corredores, nos camarotes, na platéa, e nos palcos.

Ao principio era confusão mysteriosa, depois pouco a pouco os promenores fôram apparecendo e por fim as informações authenticas revelam o facto da seguinte maneira:

O tenente Freitas dera ha dias, estando de guarda, uma bofetada n'um soldado que estava

S. A. I. D. IZABEL, PRINCEZA IMPERIAL DO BRAZIL

S. A. I. D. LUIZ FILIPPE, CONDE DE EU

(Segundo photographias)

GRAVURAS. — S. A. I. D. Izabel, Princeza Imperial do Brazil — S. A. I. D. Luiz Filippe, Conde de Eu — O general Barão de Monte Brazil — Agitações na Irlanda - A Liga Agraria, Captura de Parnell no Hotel Marrison em Dublin, Parnell dando entrada da prisão de Kilmainham, Charles Stuart Parnell, John Dillon, Thomaz Sexton — Portugal pittoresco, Celorico da Beira — 1640, O padre Nicolau da Maia stacando uma das portas dos Paços da Ribeira — Enigma.

de fachina. O soldado queixou-se ao sargento, que deu parte ao capitão Martins. O capitão Martins participou o occorrido, como lhe competia, ao seu coronel, mas pediu-lhe que não désse seguimento official á queixa, e que se limitasse a reprehender o tenente perante a officialidade. Assim se fez na manhã do dia do crime. O tenente Freitas n'esse dia estava de folga. Ao anoitecer, vestido á paisana, dirigiu-se ao quartel e perguntou pelo capitão Martins que n'esse dia estava de serviço.

O capitão estava na bibliotheca a escrever.

O tenente Freitas entrou na sala da bibliotheca e chegando-se ao capitão Martins que estava de costas, deu-lhe dois tiros de revolwer; o capitão voltando-se ainda, quiz correr para agarrar o assassino que fugia, mas cahiu morto, no chão, ao pé da porta.

Entretanto o tenente fugira, mas na escada caiu disparando-se contra elle o revolver, ferindo-o apenas ligeiramente.

Immediatamente preso pelos soldados, foi depois de ter confessado o crime, conduzido ao castello, n'um trem fechado, acompanhado por tres officiaes, de sabres e grande uniforme.

A morte do capitão Martins foi logo verificada e o cadaver conduzido para o hospital da Estrella.

Eis em resumo a lugubre tragedia.

Agora as causas que a promoveram, o movel do crime.

Sobre isso ha versões desencontradas, e não será facil por emquanto definil-as precisamente.

Todas as que até agora apparecem são futeis e não explicam a violencia extranha do caso.

Effectivamente não se comprehende facilmente que por uma parte dada, com toda a brandura, por um capitão, do seu tenente, este medite a sua morte durante um dia todo, e a execute depois com todas as aggravantes que o perdessem tambem a si e para sempre.

Outra versão architecta um romance asqueroso, vil, de caserna, que póde explicar o crime, mas que o torna mais infame e vergonhoso.

Qual das versões é a verdadeira?

Porque foi que esse tenente que nos dizem ser ainda um rapaz, praticou depois de o pensar durante longas horas, um crime repugnante e cobarde, um crime que bem se póde dizer um crime duplo, — um assassinato e um suicidio?

Talvez nunca se saiba ao certo, ainda que embora a logica se recuse a acceital as como motor de grandes crimes causas pequenas e futeis produzem muitas vezes os effeitos mais tragicos e inesperados.

— Este crime, muito mais grave que o celebre crime de Antonio Coelho, porque além da posição do criminoso, a sua educação e o seu nivel intellectual lhe darem muito maior responsabilidade moral e consciente do seu delicto, a premeditação, e o modo cobarde e traiçoeiro com que elle foi praticado aggravam-n'o immensamente, produziu profunda sensação no paiz, e não só na classe militar, mas em todas as classes sociaes.

O crime não apresenta nenhuma attenuante; a attitude do criminoso, depois do delicto, não é de fórma a captar-lhe nenhuma commiseração sympathica. A sociedade acha-se mais uma vez em frente d'um crime grave para que nem as leis militares nem as leis humanas tem perdão, e pergunta aos seus legisladores o que ha de fazer ao delinquente.

E' n'estes momentos em que os factos nos obrigam a olhar para os nossos codigos penaes, que resalta aos olhos de todos, mesmo dos mais cegos, d'aquelles que julgam viver no melhor dos mundos possiveis, a necessidade da revisão immediata, da reforma seria, completa, d'esse codigo, hoje em lucta aberta com todas as idéas modernas de criminalidade e de penalidade.

Abstraindo completamente o facto presente, que está sendo julgado pelos tribunaes competentes, vejamos o que é theoricamente e praticamente a nossa legislação penal.

Em theoria, a lei civil abole a pena de morte, e a lei militar arvora-a no alto do seu codigo, com um desprezo completo de todas as leis da logica.

A abolição da pena de morte funda se no principio sagrado da inviolabilidade humana.

Como é portanto que um paiz que reconhece esta inviolabilidade ao cidadão civil, não a reconhece ao militar? Como é que sendo inviolavel para a lei a vida do homem, a vida do soldado, a quem o vestir da farda não despe a sua qualidade de homem, é violavel para essa mesma lei?

A questão é d'uma simplicidade terrivel; ou a sociedade tem o direito de matar um dos seus membros, ou não tem.

Se tem, não se comprehende que a pena de morte desappareça da lei penal civil, se não tem, não se comprehende que essa pena appareça no codigo militar?

Ha, bem sei, para isto, o argumento das exigencias da disciplina. Mas as exigencias da disciplina tem que parar fatalmente onde começam os direitos immutaveis da vida humana.

E alem d'isso, se a desciplina militar tem o direito d'esmagar esse direito, porque um soldado mata um general, não terá a disciplina social igual direito, porque um filho mata sua mãe?

Esta discordancia que se dá nas theorias da legislação penal portugueza, não se dá porem na practica.

Na practica a pena de morte abolida de direito no fôro civil, está abolida de facto no fôro militar.

Vejamos qual é a pena que a substitue praticamente. A prisão perpetua de Antonio Coelho e de Antonio da Costa em dois carceres hediondos, insalubres, inquisitoriaes, da torre de S. Julião da Barra, dois carceres onde esses dois homens transformados em duas feras, fazem a dolorosa aprendizagem da morte, n'uma existencia inutil para todos e infernal para elles. E a sociedade alimenta-os ahi o sufficiente para não morrerem de fome, como nos Jardins das Plantas se teem leões nas jaulas.

O que espera a sociedade d'elles?

Ou que morram, ali, idiotas, como nos dizem que elles já estão, ou que um dia a negligencia de qualquer sentinella os deixe fugir, e elles vão semear por toda a parte o terror e a morte como dois animaes ferozes.

Como castigo é d'uma barbaridade cruel, como exemplo é d'uma immoralidade revoltante.

E isto conduzio-nos naturalmente a um assumpto em que tocámos no nosso ultimo numero, a respeito dos albergues nocturnos, á necessidade urgentissima, immediata d'uma nova e moderna legislação penal, á creação de colonias penitenciarias onde os criminosos, segundo a gravidade dos seus crimes, e segundo as suas tendencias á rehabilitação, possam ser uteis á sociedade nos trabalhos asperos e perigosos que os homens livres não acceitam senão a peso d'ouro.

Gastámos toda a nossa chronica com este assumpto, justifica-o, o ser elle que hoje occupa todas as attenções em Lisboa.

O codigo penal portuguez carece de prompta reforma: os tribunaes militares, e os tribunaes civis, reclamam-n'o a todo o instante.

— Um facto da semana passada que mostra eloquentemente e tristemente essa necessidade. Em Lisboa foi julgado um homem accusado de ter violentado sua filha menor de nove annos. O réu confessára o crime com esta attenuante extranha «Disseram-me que minha mulher me enganava e não sabia se minha filha era effectivamente minha filha.»

Pois esse homem foi absolvido.

E aqui tem como a disciplina militar, como a disciplina moral, como a disciplina da familia, do exercito, e da sociedade emfim, vão caminhando na nossa terra!

—A viagem d'el-rei ao Porto tem causado grande enthusiasmo, e originado grandes festejos n'aquella cidade, festejos muito molhados com a chuva torrencial que tem cahido estes dias.

S. M. acompanhado por S. M. a Rainha e os Principes foi ao Porto, inaugurar as obras da nova ponte sobre o Douro e premiar os serviços humanitarios de dois verdadeiros heroes os marinheiros Maio e Simão, que tem arrancado milhares de victimas ao fogo e á agua.

El-Rei, alem de lhes entregar as medalhas d'ouro, poz-lhe, ao peito os habitos da Torre Espada.

O enthusiasmo foi enorme, houve lagrimas e *hurrahs*, profundas commoções e acclamações ruidosas.

O Occidente tenciona occupar-se mais detidamente d'estas festas e então fará a completa descripção d'ellas.

—De theatros ha apenas uma noticia. Um grande *successo* na Trindade, o que não admira mas com uma opera seria, o que admira muito. Os *Dragões de Villars*, musica de Maillard, uma opera comica franceza, quasi classica, teve um desempenho magnifico por parte d'Esther, Anna Pereira, Portugal, Queiroz, Silva Pereira e Godfroy, e um acolhimento enthusiastico por parte do publico.

A opera está magistralmente ensaiada, honras a Rogel e a Leoni, traduzida explendidamente, honra á Seguier, e tem duas scenas novas, sendo excellente uma pintada pelo sr. Manini.

—E já que fallamos em scenas novas, não esqueçamos uma palavra de justo elogio ao sr. Machado pelo bello scenario do *Divorçons*, que no *Gymnasio* continua o seu caminho triumphal.

— S. Carlos continua a ter *successos* com o *Hamlet*, em que cada noite a Donadio e o sr. Kaschmann são applaudidos com enthusiasmo. Estes dois grandes artistas fazem-nos esquecer toda a longa serie de fiasco a que este anno temos assistido em S. Carlos; mas o peior é que a Donadio é sol de pouca dura.

E em ella se indo embora? Se o publico tendo a separal-o sete mezes das noites gloriosas da Borghi-Mamo, não poude supportar as noites insipidas, fastidiosas ou tormentosas do *Fausto*, do *Roberto*, da *Africana*, da *Aida*, do *Trovador*, como é que supportará agora outra vez essas noites logo a seguir ás noites brilhantes do *Hamlet*?

Pobres bancos de S. Carlos, e como os marceneiros, os sapateiros e a policia, vão ter que fazer!

Gervasio Lobato.

A LIGA AGRARIA

Consolemo-nos. Não é só o catholicismo que tem invocado os principios religiosos, para, em seu nome, e á sua sombra, se commetterem as maximas atrocidades; não basta folhear os annaes da santa inquisição para se conhecerem todos os crimes praticados pelo fanatismo. A historia da nação mais liberal e mais tolerante da Europa, a Inglaterra, contém negras paginas, cuja leitura horrorisa, e onde está inscripto, para vergonha eterna dos seus legisladores, o martyrio de seculos de uma nação, que lhe devia ser irmã e que lhe tem sido escrava. A Irlanda mostra ainda em pleno seculo XIX os pulsos roxeados pelos grilhões inglezes, e as largas cicatrizes que lhe deixou estampadas no peito a espada que tem sempre reprimido de um modo sanguinolento as tentativas d'essa misera nação para despedaçar o jugo aviltante, que ainda hoje em parte a opprime.

Comtudo, devemos confessal-o, esse odio que uns aos outros se consagram os habitantes das duas grandes ilhas do Reino Unido, não data unicamente das dissidencias religiosas. Antes que Henrique VIII, desdenhando o titulo de filho bem-amado da egreja, com que o summo pontifice o distinguira, erguesse a bandeira da revolta contra a unidade catholica, e juntasse ás insignias do seu poder temporal as insignias do poder espiritual, já a Inglaterra e a Irlanda se dilaceravam a cada instante n'uma lucta cruenta e sempre renovada.

Foi em 1167 que os inglezes pozeram pela primeira vez o pé no solo da verdejante Erin.

Discordias intestinas dos irlandezes fizeram com que um dos partidos appellasse para Henrique II de Inglaterra. Este não os soccorreu directamente, mas permittiu que os seus barões os auxiliassem. Que conquistadores esses! não era um rei que cingia a corôa da monarchia nacional, mas que deixava tudo o mais no mesmo estado, eram senhores feudaes que tomavam por sua conta o que lhes convinha, que expulsavam os proprietarios legitimos, que dividiam entre si a presa, Henrique II e os seus successores tentaram reprimir estes excessos, e admittir, como eguaes aos seus outros vassallos, os subditos irlandezes. Baldada tentativa! Os cães de fila rosnavam, e a pobre Erin continuava a debater-se nos seus dentes agudos.

D'aqui uma irritação surda entre os conquistados, d'ahi o estabelecimento de duas raças antagonistas, uma a nacional, prompta sempre a insurgir-se, a outra, a transportada da ilha visinha com a mão constantemente no punho da espada repressora.

Revoltam-se em 1315, vencidos são considerados inimigos publicos, e uma lei prohibe aos filhos de Inglaterra contrahirem allianças de familia com os miseros filhos da Irlanda. Seguem estes, na lucta das duas Rosas, o partido de York, ao passo que em Inglaterra triumpha o de Lancaster. Henrique VII, subindo ao throno, faz do parlamento irlandez, que aliás já se compunha exclusivamente dos proprietarios inglezes residentes na Irlanda, uma assembléa escrava. Faz-se protestante a Inglaterra, fica a Irlanda catholica. Persegue Henrique VIII essas consciencias rebeldes, e não faz senão accender lhes lá dentro a chamma do fanatismo.

Incrivel cegueira de todas as religiões dominadoras, cegueira, que só n'este seculo principia vagamente a dissipar-se. Querem combater com a força material a força espiritual de uma idéa, planta que transforma em seiva o sangue dos martyres, que viça entre as ruinas dos incendios, que resurge sempre mais florida e mais vivida depois das tempestades das perseguições.

A Inquisição perpetuou na Europa a religião hebraica, as revogações dos editos protectores do calvinismo, as guerras atrozes movidas ao lutheranismo alastraram por todo o norte da Europa as seitas que a indifferença catholica abafaria talvez em Wittemberg e em Genebra. Em nenhuma parte do mundo vigora o catholicismo com mais força do que na Polonia e na Irlanda, graças ás atrocidades dos czares e á opposição do governo inglez.

Cegueira fatal, cujos resultados ainda hoje em 1881 perturbam e assustam a prosperidade immensa da Grã-Bretanha! Nodoa que ainda hoje desfeia o explendor d'aquella brilhantissima civilisação! Não bastava que um antigo odio separasse os dois povos, e quizeram ainda alimentar essa inimizade latente, que o lento decorrer dos seculos iria a pouco e pouco apagando, com os terriveis fructos das dissensões religiosas. O fogo que ardia debaixo das cinzas quizeram apagal-o com sangue, e não sabiam que o sangue é ainda mais do que o alcool horrido combustivel para essas pyras odientas.

Á crença rotineira deram a exaltação do martyrio, acordaram a indifferença do clero catholico, dando-lhe a excitação do combate e das massas pacificas, ainda que inimigas, fizeram legiões de soldados, exasperaram um povo inteiro, e legaram ás gerações vindouras um testamento de vinganças, cuja liquidação tem durado seculos e ainda não está finda.

A perseguição movida pela rainha Isabel foi a mais terrivel de todas. As revoltas irlandezas punia-as ella com a confiscação das terras, que distribuia por colonos inglezes. Assim se organisou esse nefasto regimen agrario irlandez, d'onde brotou a liga agraria. As terras irlandezas estão desde esse tempo todas nas mãos de proprietarios inglezes, que esmagam os seus rendeiros com pesadissimos encargos.

Por isso d'ahi por diante a Irlanda não cessou nem um momento só de conspirar contra a Inglaterra. Esta expulsou os Stuarts, a Irlanda sustentou-os. E sempre a confiscação a punir as revoltas, e sempre medidas odientas a aggravarem a situação dos irlandezes! Vencida nos campos de batalha, a Irlanda appella para a guerra surda e implacavel. Nascem as associações secretas dos *white-boys*, dos *hearts of oak*, dos *defenders*, brota o bandoleirismo politico. A Inglaterra vê-se forçada a modificar o seu systema, comtudo continúa a desgraçada situação politica e economica da Irlanda: a incapacidade politica dos catholicos, o pagamento do dizimo ao clero protestante e a deploravel organisação da propriedade irlandeza. Por isso a Irlanda é uma alliada constante da França, por isso os Irlandezes ou emigram em multidão para a America, ou vão combater nas fileiras de quantos exercitos ha, que no continente guerreiem a Inglaterra.

Afinal no nosso seculo, quasi no nosso tempo, appareceu O'Connell que foi, durante a sua vida inteira, perante o mundo, o campeão d'aquella nacionalidade opprimida. O desenrolar d'este sudario foi a sua eloquencia. Os gritos abafados, que durante seculos as victimas soltaram, foram-se concentrar afinal n'uma voz unica, e essa voz trouu de repente na tribuna de Londres, grave, sonora, formidavel, e essa voz revelou ao mundo espantado o crime de que uma nação fôra a perpetradora, e outra nação a victima. E tudo emmudeceu diante d'aquella voz que saia do tumulo de um povo, e questões mesquinhas de politica, questões secundarias de civilisação material, questões de personalidades, tudo se poz de parte, calou-se tudo, não ousando profanar aquelles threnos, em que um Ezechiel parlamentar chorava as desgraças da Sião irlandeza, e chamava a maldição do mundo sobre os crimes d'essa Babylonia nebulosa, e o vulto severo, triste de O'Connell ergueu-se diante de todos, rodeiado das bençãos dos seus compatriotas, da admiração da Europa, do terror dos seus antigos oppressores.

Aquella Irlanda era um antro. Commettiam-se alli crimes nefandos, de que pouco transpirava. A fome dizimava a população, e a Europa, quasi ignorando o desastre, continuava a exaltar, a applaudir a alegre Inglaterra, *merry England*, alegre oppressora da melancholica Erim.

E surgiu O'Connell, e o véu correu-se, e atravez do silencio official vibraram os gritos das nações opprimidas, e a Inglaterra foi chamada ao tribunal da humanidade, e levantou-se o manto esplendido da civilisação, e viram-se por baixo as pustulas asquerosas, os andrajos da Irlanda.

E a Inglaterra tremeu e cedeu. A voz de O'Connell, como as trombetas dos israelitas, fez caír as muralhas d'esse Jerichó tradicional, que se chama a Constituição Ingleza.

N'essa lucta incessante O'Connell, depois de ter dado uma organisação poderosissima á Associação Catholica, impõe-se de tal fórma, que a emancipação dos catholicos é proclamada, que os deputados irlandezes entram, n'um pé de perfeita igualdade, no parlamento inglez. Para isso foram necessarias a eloquencia do grande tribuno, a sua constancia e a agitação da Irlanda, que se traduzia na apparição dos *fenians*, e de todas essas terriveis associações de opprimidos, que perturbavam a cada instante o somno dos oppressores com as visões pavorosas do assassinio e do incendio.

O que se passa agora não é senão a continuação do que se passou então. Arrancou-se á Inglaterra a emancipação politica, trata-se agora de se lhe arrancar a emancipação economica: a liga agraria succede á associação catholica. Parnell toma o logar de O'Connell, e o drama volta a representar-se, exactamente nas mesmas condições. Contra Parnell empregam-se os mesmos meios que se empregaram contra O'Connell — expulsão do parlamento, multas, prisão. E de cada uma d'essas provações sae mais radiante a popularidade do tribuno, e o misero camponez da Irlanda passa um dia de fome para dar o seu obolo á subscripção, que assegura ao grande orador uma existencia luxuosa. Os *fenians*, os *white boys* tem os seus successores, a Inglaterra recorre, como outr'ora, á força brutal e implacavel: tudo porém agora com redobrada intensidade, porque então estava apenas em jogo o orgulho inglez, hoje estão em jogo os seus interesses. Mas a Inglaterra ha de ceder finalmente como cedeu já; as muralhas da constituição ingleza hão de caír de novo, porque não ha trombetas biblicas que saibam derrubar muralhas, como as derrubam as vozes eloquentes que nas suas vibrações repercutem as vibrações a um tempo dolorosas e energicas as fibras do coração de um povo, as vozes dos tribunos em cuja mente se inflamma a luz de uma idéa nova, em cujo espirito palpita, com toda a sua pujança e com toda a sua energia, a alma nacional.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS PRINCIPES IMPERIAES DO BRAZIL

Ha poucos dias honraram a nossa capital com a sua presença os principes imperiaes do Brazil, tão conjunctos da familia real portugueza, e por isso o OCCIDENTE aproveita a occasião de, ao registar nas suas columnas este facto agradavel, apresentar aos seus leitores o retrato d'aquelles augustos personagens.

S. A. I. a princeza D. Isabel primogenita dos imperadores do Brazil e herdeira do throno do imperio é uma formosa senhora, que nasceu a 29 de julho de 1846, estando por tanto em toda a força e brilho do seu completo desenvolvimento. De esmerada educação e trato delicado, reune em si dotes que a tornam digna de toda a consideração.

Tendo casado a 15 de outubro de 1864, com o principe, de quem vamos fallar, tem hoje tres filhos: o primeiro D. Pedro nasceu no Rio de Janeiro a 15 de outubro de 1875; o segundo Luiz Filippe, nasceu em Petropolis a 26 de Janeiro de 1878, e ultimamente uma princeza nascida em Paris ha poucos mezes.

O seu nome acha-se coroado por uma aureola que lhe dá o seu caracter bondoso e caritativo, que é a maior gloria das princezas.

S. A. I. o principe Luiz Filippe Maria Fernando Gastão d'Orleans, conde d'Eu, da casa de França, filho do principe de Joinville e neto de Luiz Filippe, nasceu a 28 de abril de 1842, e pelo facto de unir seu destino áquella senhora, ficou, como ella, herdeiro da corôa do Brazil.

De muito novo veio para Hespanha, onde estudou e serviu em artilharia.

Não eram os principes ainda casados havia um mez, quando depois de uma serie de successos politicos, que são conhecidos de todos, e fôra longo referir, rompiam as hostilidades entre o Paraguay e o Brazil, com o passo ousado de Francisco Solano Lopes, capturando o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que levava a seu bordo o presidente da provincia de Matto Grosso. Pouco depois era invadida esta provincia pelas forças paraguayas, e a propria capital do imperio, desprevenida, recolou pela sua segurança.

Foi pois amargurada a lua de mel dos jovens principes.

Começou porém a lucta; e não obstante a vasta organisação militar do Paraguay, e a sua admiravel disciplina, as forças reunidas do Brazil, republica Argentina e Urugay, foram caminhando lentamente de combate em combate, já por terrenos apaulados e alagadiços, onde a febre e a metralha os dizimava, já pelos rios, onde os ousados inimigos nem de noite lhes permittiam descanço.

Durava havia mais de quatro annos a lucta. O marquez de Caxias, depois de pela sua tenacidade, ter tomado a capital do Paraguay, Assumpção, julgou como que terminada a guerra, e cançado pela sua idade avançada, regressou ao Rio de Janeiro. N'estas circumstancias foi entregue o commando em chefe do exercito ao Conde de Eu, a 16 de março de 1869.

Lopez, apesar de aniquilado, retirara com as reliquias do seu exercito para Cerro-Leon, e nas Cordilheiras o reforçava, preparando-se para nova defeza, e estabelecia a sua nova capital em Peribebuy.

O conde d'Eu por uma serie de operações felizes, faz a concentração do seu exercito, ataca o inimigo por todos os pontos e toma-lhe a nova capital.

Lopez não desanima, volta para o norte, eleva Curugaty, por um decreto, á cathegoria de capital, e continúa a defeza.

Em breve o conde, tão infatigavel como o seu adversario, desaloja-o da sua capital, e dando ainda a brilhante batalha do Campo Grande, e dividindo o seu exercito em pequenas columnas, porque a guerra então era de montanhas, consegue ao cabo de dez mezes de esforços e combinações militares continuadas, concluir esta terrivel campanha, pela morte do Dictador, surprehendido pelas forças do general Camara em Cerro-Corá, no 1.º de março de 1870.

Pouco depois despedia-se o principe do exercito, e o Brazil e a capital no seu regresso, cobria de applausos o heroe que havia terminado tão feliz e brilhantemente uma campanha, que durara seis annos e havia custado á nação o mais generoso do seu sangue, e os seus maiores esforços.

Tal é o principe que tem de partilhar um dia, com sua esposa, a gloria de dirigir os destinos do florente imperio brazileiro.

O GENERAL BARÃO DE MONTE BRAZIL

Havia um mez que na ilha Terceira se havia proclamado D. Miguel, (18 de maio de 1828) quando começou a correr o boato de que ia ser desarmado o batalhão de caçadores n.º 5. Não havia ainda dois mezes que um capitão, valente da guerra peninsular, ali fôra collocado, mas tendo julgado uma rebeldia aquelle acto e uma desconsideração o que se projectava, resolveu jogar a vida em prol da liberdade e da honra do seu batalhão ultrajada. Ao anoitecer do dia 21 de junho fórma o corpo no Monte Brazil no castello d'Angra, prende o governador e outros officiaes reconhecidos do realistas, surprehende a guarda e apodera-se da fortaleza. Em seguida fazendo sair uma pequena força á descoberta marcha para casa do capitão general, poudo em debandada as milicias e algum povo e rende a guarda do quartel general, que se bateu valentemente. No dia seguinte é o general Tovar deposto e recluso no Castello, e proclama-se o governo constitucional por convite d'aquelle capitão ao juiz Farinho e convocação d'este.

O official que tão brilhantemente levantava o estandarte da liberdade, por um momento abatido n'aquelle valentissimo rochedo e que não mais tornou a ser abatido era José Quintino Dias. Organisado um governo provisorio foi este o nucleo da futura regencia, e de todos os successos d'aquella lucta de irmãos que escrevendo a sua primeira pagina a 11 de agosto de 1829 na Praia da Victoria, veio escrever a ultima em Evora Monte.

Se não fosse o arrojo de José Quintino Dias ninguem póde prever quaes teriam sido os successos futuros do paiz.

José Quintino Dias havia nascido no Algarve na cidade de Tavira a 26 de agosto de 1792 sendo filho de José Quintino Dias e de D. Thereza Dionisia Mascarenhas. Ainda não tinha dezesseis annos quando a 8 de agosto de 1808 se alistou como alferes no regimento de milicias do Algarve, alcançando logo a distincção do laço encarnado no braço direito; conferido aos do Alemtejo e Algarve que vieram assistir á restauração de Lisboa.

O General Barão de Monte Brazil — Fallecido em 14 de Novembro de 1881

(Segundo uma photographia)

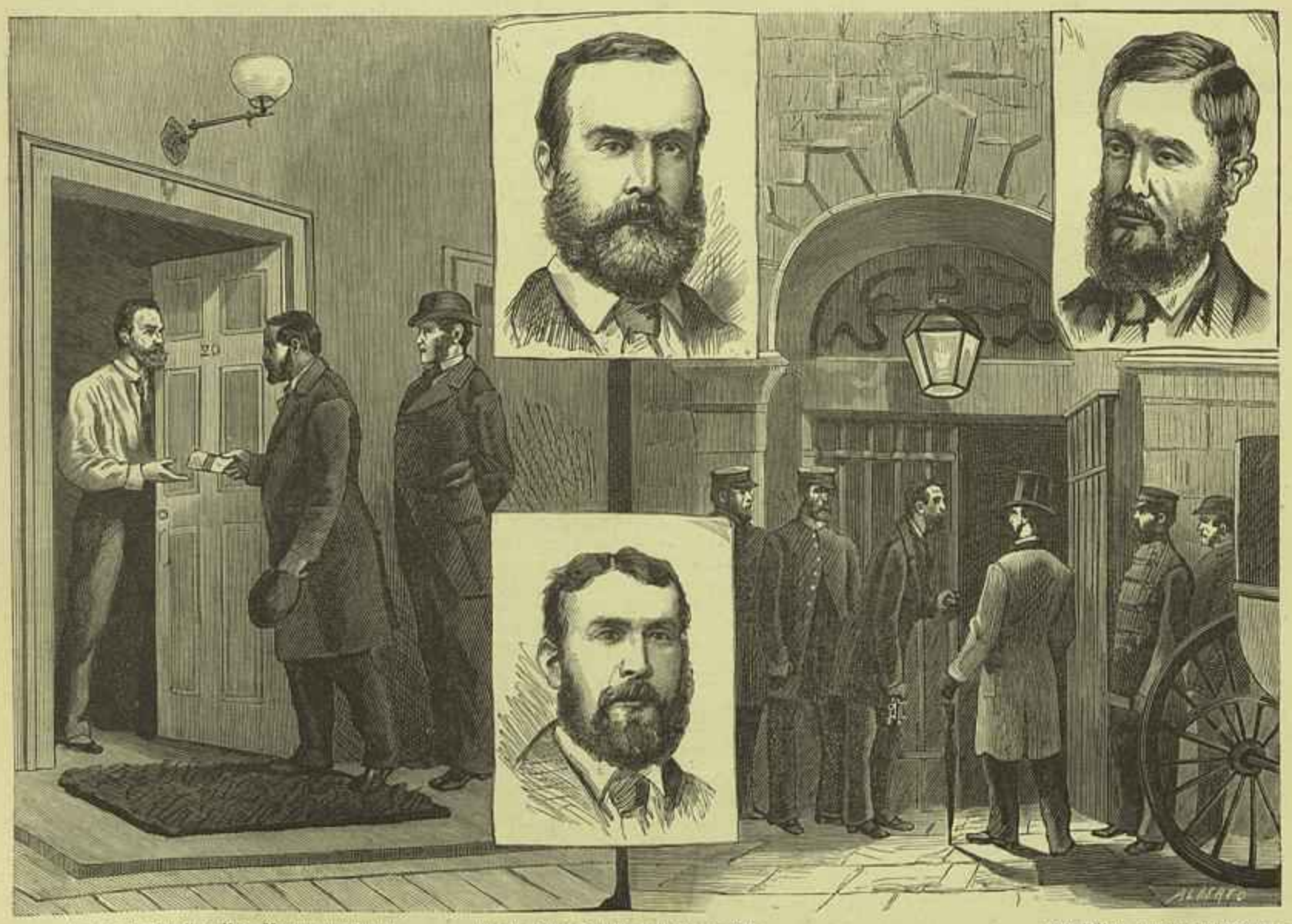
A 10 de setembro de 1810 passou ao exercito activo, sendo-lhe garantido o posto, sendo mais tarde despachado tenente para infanteria 2, em 4 de abril de 1818 com antiguidade de novembro de 1817.

N'aquella qualidade serviu na campanha peninsular durante os annos de 1811 a 1814, tendo estado no cerco de Olivença, nos tres de Badajoz, e assistido ás batalhas de Albuera, Victoria, dos Pirineus, Pamplona e nos combates de Nive, Nivelle, Orthez e Toulouse. A cruz de oiro n.º 1 de quatro campanhas d'esta guerra e as medalhas hespanholas de Albuera e Victoria foram a distincção recebidas por estes serviços.

A 17 de janeiro de 1828 foi promovido a capitão para o batalhão de caçadores n.º 5, ao qual se ajuntou na ilha Terceira, a 28 de abril. A 18 de maio era ali proclamado D. Miguel, mas logo a 21 de junho se davam os factos que referimos, cessando aquella intrusão, sendo promovido a major graduado para o mesmo corpo a 12 de setembro, e a effectivo a 23 de outubro de 1828.

Intrigas privaram o exercito dos serviços de tão bravo e prestante official, sendo-lhe pela mesma regencia, que não existira, se elle não fôra, tirado o commando de caçadores 5, dando-se-lhe porém o governo do castello de S. Sebastião de Angra em 1830, onde permaneceu até 1831, em que foi mandado para Londres, apresentar-se ao nosso embaixador Abreu e Lima (depois conde da Carreira) para o considerar como emigrado.

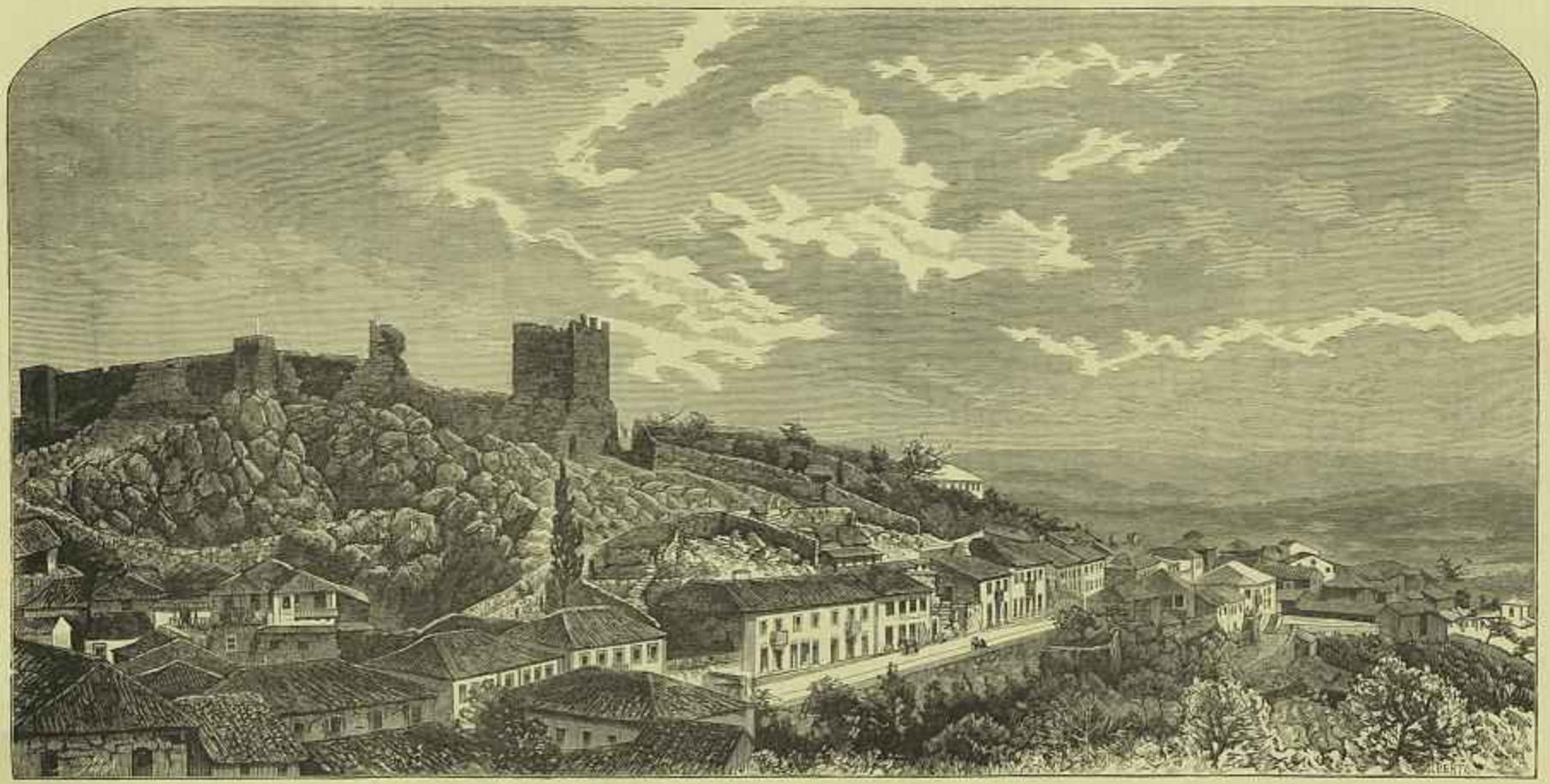
Provou então os amargores do exilio com sua esposa, mas publicou ahi e em Paris dois opusculos, tendentes a escla-



Captura de Parnell no Hote Morrison em Dublin — Charles Stuart Parnell, deputado por Cork — John Dillon, deputado por Tipperary

Thomas Sexton, deputado por Sligo — Parnell dando entrada na prisão de Kilmainham

AGITAÇÕES NA IRLANDA—A LIGA AGRARIA



CELORICO DA BEIRA (Segundo uma photographia)

recer o que fizera, e a injustiça que lhe haviam feito, descriptos a pag. 108, tom. v do *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

Consentindo-se-lhe voltar á patria, apresentou-se a 15 de abril de 1834, servindo ainda até á convenção de Evora Monte.

Promovido a tenente coronel graduado em 1834, e a effectivo em 5 de setembro de 1837 para o batalhão de infanteria n.º 25, n'essa qualidade andou na serra do Algarve desde aquelle anno até 1840, na campanha contra o celebre guerrilheiro, Soares dos Reis — *O Remechido*, sendo promovido a coronel n'esse anno.

Em 1845 foi eleito deputado ás côrtes. Commandando o regimento de infanteria n.º 15, fez a campanha de 1847.

Exerceu depois varias commissões, como a de chefe do estado maior da 8.ª divisão militar, governos das praças de Peniche e Abrantes, e o commando da 7.ª divisão militar; sendo, durante esse tempo, promovido a brigadeiro graduado em 1852, marechal de campo em 1859; general de brigada (pela nova organisação do exercito) em 4 de junho de 1864 e general de divisão em 7 de fevereiro de 1865. Comquanto robusto, como todos os homens d'aquelle tempo, julgou em 1870 que não podia continuar a servir, e obteve a sua reforma a 24 de janeiro d'esse anno.

Além das medalhas mencionadas e outras, possuia a das campanhas da liberdade, algarismo n.º 9, e as de ouro correspondentes ao valor militar, bons serviços e comportamento exemplar.

Emfim, a 14 de novembro ultimo descançou das suas fadigas, depois de uma breve agonia, na edade de 89 annos, sem ter sollicitado graças de governos, nem dos soberanos, mas tendo prestado a estes e á liberdade o maior serviço.

Os militares portuguezes e os verdadeiros liberaes devem honrar a memoria do homem, que expoz a sua cabeça e o futuro da sua familia para restaurar o governo constitucional, n'um penhasco dos Açores, que foi o baluarte contra o qual se quebraram as hostes absolutistas, e d'onde saiu o jorro irresistivel que espedaçou para sempre os travezes do obscurantismo.

CELORICO DA BEIRA

Celorico da Beira é uma das mais antigas povoações do nosso paiz. Querem alguns marcar-lh'a pelos annos de 1890 antes de Christo, outros porem mais moderados reduzem aquelle periodo ao anno de 500 antes de Christo, atribuindo a sua fundação aos turdulos.

Tambem se pretende que antes fosse chamada Celiobriga, mas as opiniões dividem-se, collocando esta povoação já n'esta villa, já em Castro de Avelans, já em Celorico de Basto. O que tudo isto prova é a remotissima antiguidade d'esta povoação.

Fica ella a 18 kilometros da cidade da Guarda, em uma linda posição nas vertentes da Serra da Estrella, em logar aprazivel, cercada de olivaes, vinhedos, hortas viçosas, proxima ao rio Mondego, que a abunda de pesca, assim como os largos montados que a cercam lhe fornecem caça em abundancia. Consta de 3 freguezias, S. Pedro, Santa Maria e S. Martinho, com 2:000 almas.

Teve foral concedido por D. Affonso Henriques, ampliado por D. Affonso II em 1217, e reformado por D. Manuel em 1512.

As suas armas são um escudo hipartido; á direita cinco estrellas com um crescente por cima, á esquerda uma torre e sobre ella uma aguia voando, com um peixe no bico. Ao primeiro deu origem o feito de Gonçalo Mendes, que, em tempo de Sancho I, achando-se cercado por um exercito de castelhanos e lionezes, com auxilio dos de Linhares, onde era alcaide seu irmão Rodrigo Mendes, uma noite de lua nova sahiu da praça, atacando subitamente os inimigos, que foram derrotados, deixando no campo as prezas e bagagens.

Ao segundo deu causa a muito conhecida resistencia que Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide-mór por D. Sancho II, oppoz ás hostes do conde de Bolonha, depois Affonso III. Pacheco, segundo se conta, achando-se cercado e apertado pela fome, e acertando de passar por alli uma aguia com uma truta no bico, que deixou cair dentro do castello, mandou-a immediatamente de presente ao Conde, que, julgando-o abastecido, levantou o cerco.

Não seguiu o exemplo d'estes briosos fidalgos Martim Affonso de Mello, que foi o primeiro que sahiu até á cidade da Guarda, a receber D. João I de Castella, quando veio a Portugal com pretensões a tomar posse d'elle.

Nas guerras antigas era de grande importancia, e porisso foi dada em refens ou terçaria por D. Diniz, nas pazes que fez com seu filho (depois Affonso IV); por este como penhor de paz com Affonso XII de Castella; e ainda por D. Fernando na paz com D. Henrique II de Castella em 1373.

As egrejas, quasi todas fundação dos templarios, poucos vestigios conservam da sua ancianidade.

Das antiguidades romanas ou mais recuadas, poucos documentos tem apresentado, mas é provavel que pesquizas minuciosas e bem dirigidas podessem dar interessantes resultados.

Proximo da villa ha uma bella ponte de pedra sobre o Mondego, mandada construir por D. Manoel, e não longe duas de madeira.

Não ha edificios muito notaveis na Villa salvo, os restos do antigo castello, cuja vetustade nos inspira respeito.

Muito mais poderiamos dizer sobre esta antiga povoação tão cheia de recordações historicas, mas em todos os livros de historia, nas chorographias e diccionarios mais ou menos se falla della.

Já no nosso numero 47 do 2.º volume démos em gravura a praça d'esta Villa, agora damos a vista geral feita sobre uma photographia, que nos foi delicadamente offerecida pelo sr. Augusto de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque a quem agradecemos.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XIV

Ao descrevermos no principio d'estes apontamentos os locaes onde fôra estabelecida a exposição, dissemos que para a parte das Bellas Artes foram cedidos os baixos ou rez do chão do palacio do Senado, e por essa occasião tambem dissemos que esta parte da exposição apresentava maior numero de expositores do que haviam concorrido á de Turin. É facil de prever o que produziria uma exposição d'este genero, desde que se conhece a influencia que as bellas artes exercem em todos os artefactos expostos, de todas as varias especies que ella encerra, muitos dos quaes eram verdadeiras obras d'arte, e alguns se podem considerar obras primas.

Pondo de parte o que limitadamente enunciamos, passemos aos chamados productos das Bellas Artes, e sem nos prender com preferencias, discorramos em zig-zag por essa riquissima galeria, contemplando o que houver de mais notavel, deixando infelizmente de lado muita obra digna de menção.

Começaremos pela esculptura ou pintura? Vamos pela primeira.

XV

Eis a *Petroleira*, busto de Jacome Ginotti. Robusta e desenvolvida pelo trabalho. Duas feridas no hombro não deixam adivinhar se estivera ou não entre os combatentes. Duas voltas de grossa corda que lhe prendem os braços na altura do seio e que naturalmente lhe atariam as mãos atraz das costas, avincam-lhe as carnes que esbordam sobre ellas. Volta-se para os versalhezes com o sobr'olho carregado, exprimindo o odio e rancor de quem se não deixa vencer, e com o labio retrahido parece ir a soltar uma phrase de desprezo.

É este busto um dos mais notaveis successos da exposição e uma das obras mais fortemente sentidas da arte italiana.

Olhae essa pequena estatua. Não é um Jupiter Olimpico, não é um Moysés, não é uma Venus de Milo, é um rapazito quasi nu, com a camisa desabotoada que lhe descahe pelo hombro esquerdo, cujo braço desce segurando na mão um papel de musica, que apanhou ao acaso. Sobre o cabello revolto tem um trapo, a mão direita levanta-se, deixando escorregar a manga da camisa quasi até ao cotovello, e parece bater o compasso, por que ao mesmo tempo se levanta o pollegar do pé direito, como que denotando o pequeno esforço que emprega para soltar a voz. Que cantará elle? o que está no papel, ou o que ouviu cantarolar ao visinho tenor, ou ao cura quando levanta o prefacio? Não sabemos. Mas no seu ar sorridente parece que o rapaz está possuido do seu papel. Esta singela e expressiva estatua, é a *Vocação*, de E. Marsilli, que obteve o grande premio do principe Umberto.

Vêde agora esta *Eva* de G. B. Villa, de Genova. È outro genero de esculptura. Eva commetteu o peccado. Sente já o seu crime, mas ainda não tem a consciencia perfeita de toda a extensão d'elle. Conhece que já não está bem em toda a sua nudeza, e com uma das mãos como que parece querer encobrir o farto mas quasi virginal seio sob as amplas ondas de seus longos e anelados cabellos, em quanto com a outra conchegando a si uma grande folha da *Musa paradisiaca* ou bananeira do paraiso, occulta com ella outros encantos, repentinamente, quando não póde fazer outra coisa, e diz um critico, que com a mesma graça com que as suas descendentes depois apanharão a saia, o vestido, para redobrar a graça da pessoa, parecendo que não olham senão á modestia e á decencia. As fórmas são fortes sem exagero, como convém á mãe do genero humano, e cuja robustez lhe dará vida para mais de cem annos.

XVI

Ha outra *Eva* de Allegretti de Roma, tida por alguns como uma das melhores obras da exposição. Aqui Eva depois de ter peccado, sahe expulsa do paraiso e pisa a terra que Adão regará com o suor do seu rosto. Ali deixou-se cair de joelhos n'uma posição de desolação e vergonha, escondendo parte do rosto descaido e em lagrimas. As linhas são harmonicas, a posição bem achada, a cabeça, as mãos, os pés tudo é estudado com amor e largamente modellado. A carne é pastosa e como diz um critico o que domina é o senso da carne com *morbidezza*, é um triumpho de coxas, de polpa deliciosa, que por meio da vista, da imaginação, e de outro ignorado excitamento do systema nervoso, póde fazer esquecer á phantasia a culpa da primeira mãe, o pomo, a arvore, a espada coruscante do anjo... e o nu feminino descoberto com todas as suas molles seducções, não o nu esculptural. A Venus de Millo é coberta de carne que dá idéa da firmeza do marmore, a Eva d'Allegretti é um marmore que nos dá a idéa das carnes vivas, que se escondem tepidas e macias sob os vestidos.

Eis um monumento sepulcral de Adelaide Maraina, oriunda de uma familia de esculptores milanezes e assaz conhecida pelos seus bellos trabalhos. Uma joven dama ajoelhada, envolvida n'um grande manto, abraça o tronco de uma columna partida, symbolo de um ente querido precocemente ceifado pela morte, que comprime ao rosto levantado ao alto. O manto flexivel deixa perceber os contornos do corpo que todo cobre. A expressão é delicada, a idéa simples, a execução sobria e de uma seriedade que faz honra á auctora.

Aspero marco é um bello mas pequeno bronze de Rafael Bellazzi, de Napoles. E um lavrador que volta do trabalho; um lenço atado na cabeça ampara-lhe o chapeo do vento; as alfaias de serviço e alguma hortaliça pendem-lhe do dorso e hombro esquerdo, seguras pela maneira como os soldados trazem as armas em bandoleira e a mochilla; um casacão com a gola levantada cobre-o todo e vem caminhando, aos saltos para casa, assoprando no ôco das mãos apertadas para não gelarem. A expressão é correcta, do mais simples pensar, sem procurar effeitos, tomada do natural.

Mas alli está um gracioso grupo de A. Malfatti, lombardo. Malfatti como sempre trabalhara no genero robusto, era acusado de só saber fazer estatuas massissas; com os *Laços de Amor* Malfatti respondeu triumphantemente á critica. Nada mais delicado, mimoso e terno do que estas doces figurinhas. Um traidor cupidinho, que

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 105)

— Deus ha-de fazer tudo pelo melhor... Socegue que eu lá vou visitar a sr.ª D. Monica. Não quero remorsos de haver deixado de contribuir para a sua felicidade, que por mim ia jurar que sua ama era incapaz de se esquecer da Joanna.

Ella sorriu modestamente, levando o lenço á bocca para não mostrar os dentes encavallados e grosseiros.

— Isso sim, respondeu com ar de incredulidade. Pois tambem lhe digo que nunca vi senhora mais variavel. Olhe, aquillo tão depressa está a metter a gente no coração, como a pôr-se de mal, e a trazel-a entre os dentes.

— Não diga isso, Joanna.

E o conego sorria maliciosamente, piscando os olhinhos velhacos, como se lá do intimo da alma se estivesse regalando de ouvir a criada.

Depois, continuava:

— Olhe que vocemecê está peccando.

— Pois, Deus me perdôe, se pecco, voltava a Joanna com uma grande sequidão, mas, olhe que lhe digo a verdade. Aquella minha senhora, emquanto precisa de uma pessoa, é tudo Santo Antoninho aonde te porei; mal se apanha servida, é como se tal não fosse, já não conhece ninguem, e, então, não ha mal que não lhe ponha.

O conego fez um gesto auctoritario:

— Basta! Basta!

Em seguida, com uma entonação grave, disse, em ar de sentença:

— Ella tem esse defeito... tem! mas, nós devemos perdoar-lhe: perfeito só Deus!

A Joanna cresceu mais um palmo, vendo-se applaudida nos seus dizeres e opiniões pelo reverendo conego, que era, para ella, alguma coisa mais do que um oraculo.

— Ora ainda bem, que me dá razão. Defeito, diz vossa reverendissima; eu chamo-lhe demencia, para não dizer outra coisa.

E, sem dar occasião a replica, exclamou:

— Ah! se eu vejo rebentar a castanha na bocca ao goloso do mercieiro... só por elle ser esperto!

O conego redobrou de seriedade.

— Póde ser que rebente, póde, observou, meditando muito as palavras.

— Deus o ouvisse, exclamou Joanna, pondo as mãos n'uma attitude cheia de beatifico fervor.

— Olhe, Joanna, disse de subito o padre, como tomado de inspiração divina, sabe que mais, anda muita gente illudida com a sr.ª D. Monica.

Joanna não percebeu nada da intenção d'estas palavras, mas, confirmou-as, dizendo:

— Acredito! Acredito!

O conego repetiu:

— Pois estão muito enganados!...

E sem colera nem azedume apparente, continuou:

— Se Deus lhe dér ainda alguns annos de vida, acaba a pedir esmola, porque gasta sem calculo e mais do que póde, tudo por causa da maldita demanda, de que não ha fazel-a desistir!

Joanna exclamou, muito afflicta:

— Oh! sr. conego Salgado, n'esse caso, Deus lhe faça mercê de a levar depressa para o seu santo reino, aliás, fico eu com as mãos a abanar.

— Tudo se fará pelo melhor, descance. Ella já pouco pão deve comer. Deixe o caso por minha conta, e, apenas haja alguma novidade, é chamar-me logo.

— Ora essa, lá está o bilhetinho atraz da porta! Eu cá não conheço mais ninguem, nem me convinha.

sahe de um terrão florido, abraça insidiosamente os membros inferiores de uma linda e ridente joven que se eleva ás regiões etherêas, presa por uns frageis vinculos, que não ousa quebrar. Nada mais gentil, leve, macio, que estas duas galantes figurinhas, que traduzem na expressão a delicadeza do pensamento do auctor e satisfazem os mais exigentes.

XVII

Vejamos agora este grupo de outro genero. É o *Ezechiel* de Tito Sarrocchi, de Sena, nome assaz conhecido na Italia. O prophéta é representado n'aquelle momento em que deante do campo branqueiante de ossos humanos, exclama: *Ossos descarnados ouvi a palavra de Deus*, e os ossos juntando-se uns aos outros recompoem os esqueletos, cobrem-se de musculos e nervos e pelle, e são reanimados pelo espirito ou sopro de Deus. A figura do prophéta é sublime na sua inspiração, o acto solemne, todo é modelado com gosto e alta intelligencia. Não ha nem convenções academicas, nem a pedantaria do realismo, mas a arte ou toda a sua expressiva grandesa e pureza.

O beijo africano é um grupo em gesso de Diogo Sarti, de Bolonha. Este esculptor que tem apenas vinte annos, revella grande talento n'esta sua obra. Um leão e uma leôa estão deitados a par beijando-se, apesar d'isso nas formas do leão reconhece-se a sua força extraordinaria, e a expressão do todo é grandiosa.

De Heitor Ximenes de Palermo, temos ali duas estatuas: uma o *Equilibrio*, representa um equilibrista descendo uma rampa sobre uma esphera. A posição das pernas e das mãos, o encrespar dos dedos indicam bem os esforços que o artista faz para se manter na posição vertical.

A outra é o *Squattero*, isto é o *bicho da cosinha*. De bonet branco na cabeça, com o classico aventel está segurando e apertando um frango, coitado que não fez mal a ninguem, mas de que é preciso dar cabo, para consolar a nossa gula. O assumpto é commum mas bem desempenhado.

Moysés, salvo das aguas, é um grupo do grande mestre Francisco Barzaghi. Uma robusta serva da filha de Faraó tem tirado do rio a cesta que ia fluctuando com o futuro legislador dos hebreus. A compaixão da sua senhora fica satisfeita, quando a serva lhe apresenta a bella creança. A filha de Faraó não se vê, mas advinha-se pela posição e pelo gesto da serva que parece olhar commovida a piedade da sua senhora. É simples, severo o assumpto, mas nobremente tratado.

Vejamos agora a *Deusa das flôres* do mesmo Barzaghi. É toda uma estatua antiga. A Deusa parece romper de um torrão coberto de flores, d'onde sae uma haste elevada, que como o veu da Venus de Camões, *pouco avaro nem tudo esconde, nem descobre*. As fórmas esbeltas, macias, voluptuosas, tem outra expressão, que cabia dar ás da serva de Faraó, aliás tambem perfeitas. Os braços erguidos ao ar sustentam uma corôa de flôres unico ornato que vae naturalmente pôr na cabeça. Que mais precisa aquella belleza? Olhal-a, é desejal-a.

Mas aquelle busto de *Senador romano*, de Adolfo Laurenti, de Roma, tem a expressão severa e energica dos homens que decidiam os destinos da nação, e retrata ao vivo os bustos que se encontram nas medalhas, pinturas muraes e outros monumentos. É um estudo conscienciozo.

As *Alegrias maternas*, são um grupo de Ambrosio Borghi, de Milão. Não se póde dizer irreprehensivel na fórma e execução, mas ha certo firme e seguro e a expressão, talvez um tanto affectada, faz sorrir a alma ao vêr aquella mãe sentada, que ao levantar o filho do berço o colloca no regaço, e espera que elle lhe deite os braços á roda do pescoço e beijal-a.

Não se póde deixar de notar, pela sua exactidão e expressão real, o grupo intitulado *Fumo nos olhos*, de Emilio Gallori. Não se sabe se o que o homem traz é um barril de vinho ou de agua. Sabe-se que o arriou, accendeu o cachimbo, encostou-se com os dois cotovellos a elle, e apesar do vento lhe empurrar o fumo para os olhos, que o obriga quasi a fechal-os, elle no seu trajo rude e velho, sem se importar com o que vae pelo mundo, indifferente a tudo o que o cerca, está feliz no seu descanço. Este grupo é notavel de realismo, simplicidade e verdade. Todos temos visto aquelle homem, todos temos presenciado aquella scena serena e muda.

(Continúa).

R.

TENDA-BARRACA ANNEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

II

(Continuado do n.º 105)

Em sessão de 22 de julho de 1871 dizia Ferraz de Macedo perante a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa:

«A questão da hygiene dos hospitaes é em toda a parte uma questão grande, importante e da actualidade; está reconhecido até á evidencia que ella influe poderosamente na terminação de muitas doenças e no resultado de muitas operações.»

E depois de judiciosas considerações, em que resumidamente relatava o que lá por fóra occorria a este respeito, terminava propondo:

«Que a Sociedade das Sciencias Medicas discutisse se haveria ou não vantagem em estabelecer no nosso paiz os hospitaes-tendas;

«No caso affirmativo, qual dos methodos especiaes se deveria adoptar: — barracas, tendas, tendas barracas ou hospitaes-tendas;

«Em que epoca conviria receber ahi os doentes;

«E, em conformidade com a adopção d'este melhoramento, se se deveria ou não representar ao governo pedindo a sua introducção nos hospitaes civis do reino.»

Uma commissão, nomeada para dar o seu parecer ácerca da proposta, apresentou em 27 de janeiro de 1872 ante a Sociedade um relatorio que terminava pelas seguintes conclusões:

1.º É conveniente que os hospitaes civis e militares do reino tenham, como annexos, tendas, barracas, ou tendas barracas, onde sejam tratados os doentes que mais contribuem para viciar a atmosphera que os rodeia, ou que mais podem soffrer com a alteração do ar que respiram;

2.º Sendo todos estes abrigos muito salubres, é todavia provavel que as tendas e sobretudo as tendas-barracas sejam os melhores para constituirem estes annexos dos hospitaes; mas só a experiencia poderá determinar definitivamente qual d'elles é preferivel;

3.º Em Lisboa as tendas que se adoptarem devem ser usadas todo o anno, e tanto de dia como de noite;

4.º O Hospital do Desterro, ainda que lhe addicionem qualquer d'estes melhoramentos, não fica nas condições de servir de hospital geral permanente;

5.º O Hospital de S. José, depois de desaccumulado, de demolida uma grande parte do edificio, e addicionando-lhe algumas tendas barracas, póde ficar sendo um soffrivel hospital;

6.º O edificio da Calçada de Sant'Anna é insusceptivel de se transformar n'um hospital que mereça este nome;

7.º É preciso construir dois hospitaes-barracas, um para receber os doentes do bairro oriental, e outro os do bairro occidental;

8.º Deve se representar ao governo, pedindo-lhe que promova a realisação dos melhoramentos referidos.

Apresentado que foi este relatorio, surgiu, no seio da Sociedade, ardente e brilhantissima discussão. A par do novo systema hospitalar enthusiasticamente preconisado por Ferraz de Macedo, encarou-se pela primeira vez á luz publica o estado deploravel e medonho dos nossos hospitaes civis. Tiveram echo, para fóra mesmo dos salões da academia, as curiosas questões que lá se ventilavam; em noites de sessão a galeria dos espectadores ficava repleta de jornalistas, que iam alli avidamente attrahidos pelo palpitante interesse do assumpto. Alli se descortinaram e desvendaram as podridões hediondas de uns antros immundos e infectos a que a imbecilidade de uma administração burocratica chamava pomposamente *hospitaes!*

Debalde essa administração tratou de, pelos seus amigos e compadres, fazer disfarçar a feiaidade do caso ou mesmo desmentir as corajosas asserções dos que, pugnando pela verdade, pugnavam *pro incolumitate civium*. A verdade ficou triumphantemente de pé, e a Sociedade das Sciencias Medicas assignalou nos seus gloriosos annaes uma das mais brilhantes phases de sua existencia.

A administração dos nossos hospitaes civis tinha de devorar em silencio a vergonha da sua incompetencia technica para o alto cargo que lhe estava confiado.

Um dos defeitos geralmente inherentes ás administrações burocraticas dos hospitaes é a rivalidade em que ineptamente se collocam para com o pessoal technico. O burocrata não póde levar á paciencia que os medicos se lhe avantajem em possuir o diploma de um curso scientifico, — e em sua estolida vaidade chega a espesinhar aquelles, cujos conselhos tão profícuos lhe poderiam ser no expediente da sua administração. D'esta incompatibilidade nascem geralmente attritos, cujo triste resultado redunda afinal em detrimento dos enfermos!

A administração seguia de longe, despeitada, o andamento da discussão na Sociedade das Sciencias Medicas, — mas antes queria não dar o braço a torcer do que tomar para conselheiros os competentes d'entre a corporação scientifica. E o governo preferia, na indolencia do seu doce remanso, dar ouvidos ás idéas conservadoras de uma administração incompetente, em vez de escutar o voto scientifico dos mais auctorisados technicos.

Assim decorreram annos.

Só Ferraz de Macedo continuava caprichosamente e sem desanimar na constante predica em prol da sua idéa fixa.

Como essa idéa chegou finalmente a fructificar, convertendo-se na mais util das realidades, — eis o que em seguida nos cumpre dizer ao relatarmos por que modo conseguiu fundar-se a «Tenda-barraca annexa ao Hospital-Estephania.»

(Continua)

Xavier da Cunha.

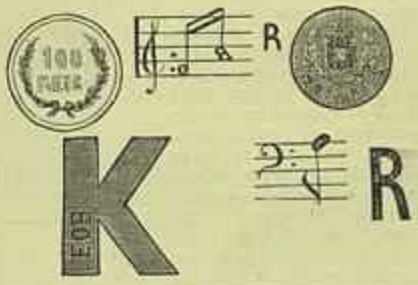
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia de Portugal Illustrada — Edição da Empreza Litteraria de Lisboa, 4.º vol., por Delfim d'Almeida e Gervasio Lobato, com desenhos de Manuel de Macedo e gravuras de Alberto.

Está terminado mais este volume da *Historia de Portugal* que abrange desde o reinado de D. Sebastião até D. Filippe IV de Hespanha e III de Portugal. O reinado de D. Sebastião é escripto pelo sr. Gervasio Lobato, e os restantes pelo sr. Delfim d'Almeida, que compulsando trabalhos do genero, publicados por outros auctores, e consultando alguns ineditos dos archivos, consegue fazer uma historia muito noticiosa e por isso mesmo muito

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

As guardas do reino são amor e medo.

— Bem, bem!

O conego levantou-se, como que dando por encerrada a sessão.

Trocaram-se ainda os logares communs de uma despedida familiar e affectuosa, e, Joanna, depois de haver recommendado repetidas vezes ao conego que apparecesse, fez a sua mesura respeitosa, e saiu.

Era já noite.

Embrenhou-se, ao acaso, n'um dedalo de ruas estreitas e lodosas, cujo ar humido parecia querer penetrar-lhe até á medula dos ossos.

Ella ia apprehensiva e triste, sentia uma tristeza invencivel, que a commovia ás lagrimas.

Por vergonha sua que não chorava.

As revelações do conego a respeito do futuro provavel de sua ama, tinham vasado o fel de todas as amarguras no seu angustiado coração.

«Vá descançada!» havia-lhe dito elle á despedida, e, essas palavras que ella repetia agora comsigo mesma, pareciam-lhe ao mesmo tempo um conforto illusorio, de uma ironia atroz, cuspida pelo destino amargo sobre as miserias irremediaveis da sua condição servil.

Bom descanço havia de ter, ao cabo de tantos trabalhos, vendo a ama arruinar-se, e o seu legado a desapparecer, de envolta com essa ruina, nas garras insaciaveis da usura feroz!

Ella jámais poderia ter descanço desde aquelle momento. Nem que fosse de marmore!

Joanna ia preoccupadissima, estranha a tudo que se passava exteriormente em redor de si.

Não caminhava, deixava-se arrastar pela força do instincto.

Quando chegou a casa, e se encontrou em frente da porta, experimentou uma estranha sensação de surpreza!

E' que ella não cuidava ter vencido já a distancia que separava as duas casas.

Bateu inquieta e afflicta.

Era já muito tarde. As luzes estavam accezas; nas lojas fronteiras, onde havia umas officinas de latoeiro, serroava-se em grande faina.

Como desculpar-se? Como explicar tão longa ausencia?

Tornou a bater, mas, ainda d'esta vez, ninguem respondeu.

Na escada, que se mergulhava n'uma escuridão absoluta e impenetravel, havia a quietação silenciosa e funebre da morte.

Joanna benzeu-se tres vezes.

Teria succedido alguma coisa á senhora?

Ah! se ella houvesse de morrer na miseria, melhor fôra que Deus a levasse n'aquella occasião, porque, talvez fosse ainda tempo de salvar o legado que lhe deixava.

Esta idéa despertou-lhe novos alentos.

Bateu, de novo, com mais força.

D'esta vez, porém, abriram meia porta da casa do mercieiro, e, uma claridade froixa, penetrou na escada, ao mesmo tempo que, alguem, da parte de dentro, perguntava quem estava ali.

Joanna, ainda offegante de cançaço, approximou-se do peitoril, respondendo:

— Sou eu!

A mesma voz disse-lhe então, que descesse, porque a senhora estava lá em baixo.

Obedeceu, e, um momento depois, era introduzida, com muita vergonha de si mesma, n'uma grande tremura interior, na casa de jantar do sr. Antonio Dourado.

D. Monica estava patriarchal e magestaticamente jogando os *tres setes* com o mercieiro.

D. Joanna poz-se a olhar para as taboas do sobrado.

Era o destino, aquillo...

E, o destino, tem muita força!

Leite Bastos.

Para ser consultada e occupar um logar distincto em todas as livrarias.

Se ao que fica dito se accrescentar que este volume contem quinze gravuras, todas representando quadros historicos muito habil e conscienciosamente reconstruidos, temos um bello livro de historia patria que se póde recommendar a quantos estimam os bons livros.

Pela gravura que junta publicamos, extrahida como specimen, do referido volume, os nossos leitores melhor poderão ajuizar da nossa verdade.

Os dois volumes que ainda faltam d'esta historia, estão já muito adiantados e brevemente serão publicados os ultimos fasciculos, ficando toda concluida.

Os quatro volumes concluidos vendem-se ao preço de 2$000 réis cada um, na Empreza Litteraria de Lisboa, rua Nova do Almada, 36.

1640 — O padre Nicolau da Maia atacando uma das portas dos Paços da Ribeira

Gravura extrahida do 4.º vol. da **Historia de Portugal**, edição da Empreza Litteraria de Lisboa

Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza *por B. C., Rio de Janeiro*, 1881. São quatro fasciculos de observações grammaticaes, com 222 paginas, tendo por fim principal mostrar que não são só os brazileiros que infringem as regras da grammatica portugueza, e que os principaes escriptores modernos de Portugal, não só commettem erros similhantes, mas além d'isso os seus principaes trechos muitas vezes apenas teem do portuguez as palavras, sendo a construcção toda franceza. Verdade é que assim succede muitas vezes, mas é tambem verdade que algumas das regras ou leis grammaticaes sobre que o auctor apoia as suas observações, foram inventadas por Soares Barbosa, e nunca foram regras de grammatica portugueza. Já durante a sua vida este havia levado uma boa resposta de Pedro José de Figueiredo, a uma critica que lhe fizera, fundado em uma das taes suas pretensas regras. O auctor tem razão em muita coisa, mas não a tem em outras, e confunde algumas vezes a voz passiva dos verbos que em portuguez se fórma muitas vezes pela activa junta ao pronome se, com a fórma reflexiva.

E quanto a phrase galicana não será raro encontral-a nos seus rascunhos. Abramos ao acaso, e acharemos por exemplo a pag. 26 «e eu não tenho remedio *sinão* concordar etc.;» a pag. 4 «D'esse modo de pensar *o que* se infere é que, a incorrecção é de cá, e que não na justifica etc.» pag. 208: como não reagir-se contra estas equejandas.» Tambem se encontra o seu erro de grammatica, por exemplo, pag. 165: «e os apreciadores do inculcado vernaculo não *tem* o direito de chamar corrompido etc. O auctor criticando no sr. Camillo Castello Branco o emprego de muitos termos, que não conhece, mas são do seio das nossas provincias, onde a linguagem ainda conserva a phrase, o geito e as palavras que os da cidade julgam antiquadas, mas que uma grande parte dos nacionaes hoje conhecem, graças a essa divulgação e á facilidade das communicações, emprega outras caprichosamente, como *esturdio* de que muito alusa, *pernostico* (corrupção de prognostico) e pertende defender de não corruptella *estropelias*, que evidentemente o é. Ha muita observação sensata no seu livro, muito boa doutrina, muita correcção justissima, mas ha tambem erros e vicios, e algumas observações insubsistentes.

Memorias do Ultramar, *Viagens explorações e conquistas dos portuguezes — Collecção de documentos por Luciano Cordeiro...* Lisboa, Imprensa Nacional, 1881. São tres fasciculos, comprehendendo um — *Da Mina ao Cabo Negro, segundo Garcia Mendes de Castello Branco*, 1574 — 1620 de 33 pag.; o segundo — *Teras e minas africanas segundo Balthazar Rebello de Aragão* 1593 — 1631 de 24 pag.; e o terceiro — *Benguella e o seu sertão, por um anonymo*, 1617 — 1622 de 22 pag. A simples enunciação dos titulos d'estes opusculos dá logo a perceber o interesse que elles terão no publico, nomeadamente no tempo actual, em que, por uma nova especie de *renascimento*, as attenções geraes estão voltadas para a Africa, como estavam nos seculos XV e XVI.

Não são novidades estas relações; já eram conhecidas, já tinham sido aproveitadas e extractadas em parte, principalmente por Lopes de Lima, mas por isso mesmo redobram de interesse, para se ver que os nossos antigos nem descuraram as explorações africanas, nem deixaram de informar, na sua linguagem singella, o que eram e valiam aquellas possessões. Não diz porem o illustre editor, sr. Luciano Cordeiro, nas advertencias preliminares, se aquelles documentos são todos originaes ou copias, o que é sempre importante, e tanto mais quanto o exame de alguns nos mostra que ou houve má leitura do original, ou as copias são imperfeitas. Para não avolumar citações, daremos dois exemplos, a pag. 19 da relação anonyma lê-se, fallando dos leões reaes: *e á nossa cidade se tem trazido tres que eram temerarios*, parecendo que no original devia estar *temerosos*; — logo a pag. 20 lê-se: *adens e outros que se deixam por alliviar*, segundo a linguagem do tempo, parece deveria ser *abriviar*.

Nada d'isto diminue o valor da publicação, mas como o illustrado editor permittiu a alteração da orthographia, podem attribuir-se estas inexactidões a negligencia da sua parte, o que não é de acreditar.

Os documentos pois dados á luz pelo prestante secretario da Sociedade de Geographia, excitam interesse ainda depois de approveitados por Lopes de Lima.

Bibliotheca do Povo e das Escolas — *N.º* 18, *Noções geraes de jurisprudencia*; *n.º* 19, *Manual do fabricante de Vernizes — obra illustrada com 20 gravuras, contendo os principaes segredos relativos a esta arte, bem como as formulas e preparações dos vernizes chinezes, allemães, inglezes e francezes, para marceneiros, pulidores, pintores, gravadores, artistas de profissão, curiosos*, etc. — Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881. — Estas duas publicações sustentam o bom nome que tão util collecção continua a manter. Não deixaremos porem de notar, que as gravuras em geral estão faltas de nitidez, devido isso naturalmente á má qualidade do papel, e que o compilador, tirando as receitas provavelmente do francez, parece ignorar que *mastic* que escreveu desgraçadamente *mastique*, se chama em portuguez *gomma almecega*, por isso que o escreve sempre invariavelmente assim em todas as receitas, o que pode induzir em erro os leitores, porque significando tambem *mastic* a massa com que seguram os vidros, nada mais facil do que tomar uma coisa por outra, do que já fomos testemunha.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

Publicado pela Empreza do OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, **completa novidade.**

O **Almanach Illustrado do Occidente** é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém kalendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

Um elegante frontespicio original de M. de Macedo e uma explendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.

Preço, em Lisboa, 240 réis

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente,** rua do Loreto, 43 — Lisboa.